



# O CARAPUCEIRO.

PERIODICO SEMPRE MORAL, E SO' PER ACCIDENS POLITICO.

*Hui servare modum nostri novere libellum  
Parcere personis, dicere de vitiis.*  
Marcial Liv. 10. Epist. 33.

Guardarei nesta Folha as regras boas,  
Que he dos vicios fallar, não das pessoas.

## O Filozofismo.

Huma cousa he a Filozofia, e outra he o Filozofismo. A Filozofia he, como o está dizendo a etymologia do vocabulo, o amor da sabedoria, e da verdade o Filozofismo he o amor do falso, o amor do sofisma. O verdadeiro Filozofista busca sinceramente a verdade, e muitas vezes reconhece a fraqueza da sua razão, e a submete sempre á Divindade: o Filozofante pelo contrario só procura li-onjejar as suas paixões, e para isto põe a razão humana a cima de tudo, e pretende negar até a existencia de Deos. O Filozofista recorre á Revelação Divina para poder explicar os phenomenos do mundo moral; o Filozofante não admite a Revelação, quer, que tudo provenha do acaso, entidade muito mais incomprehensivel, do que os mais obscuros Mystérios, e assenta toda a moral no prazer, e na dor. O primeiro ama a ordem, o segundo só aspira á desordem: aquelle preza a Religião, que reconhece de absoluta necessidade

para o homem; este tem-a por hum sonho, e zomba, dos terrores da vida futura: o Filozofista finalmente está intimamente convencido, que tem hum'alma, que ha de sobreviver ao corpo, e dar estreitas contas ao seu Creador, o qual a premiará, ou punirá na razão das suas boas, ou más acções: o Filozofante diz, que não tem alma; que com a morte tudo se acaba no homem; que as penas, ou recompensas não passam além deste mundo; por que não existe outro, e consequentemente gozar de todos os prazeres possiveis he a lei suprema da especie humana.

A doutrina do prazer e da dor, ou o principio do *interesse* como base de toda a moral he huma consequencia immediata do Materialismo, e Atheismo; por que em verdade como admitirá o senso intimo, e a consciencia, que ha a sancção Divina quem nega a existencia d'alma, e a existencia de Deos? Todavia bem longe está da minha intenção o chamar Atheus, e Materialistas a quantos de boa fé seguem o principio

do interesse; pois muitas vezes abraçamos opiniões, que nos parecem muito certas, e seguras, por não reflectirmos em todas as suas consequências proximas, e remotas, e nos effeitos, que tem produzido em differentes tempos, e lugares.

Esse interesse tão gabado de todos os Filozofantes não pode ser huma sanção; por que o interesse, seja de que natureza for, he hum motivo, e nunca huma sanção; pois esta deve ser invariavel, e imprescriptivel, a mesma para todos, e em todos os tempos ao passo que hum interesse, e hum motivo varião infinitamente segundo os caracteres, as affeições, as circumstancias os talentos, as luzes, &c. &c. E não temos a prova disto nas leis positivas, e na sociedade? O temor dos castigos, o desprezo dos nossos concidadãos, esses dous grandes motores tão elogiados pelos Filozofantes, são de huma insufficiencia atada a todos os momentos; por que nada h'á mais commum, do que escapar a hum, e a outro, se não sempre na realidade, ao menos na esperança, o que vem a ser o mesmo em seus effeitos.

E o que poderão retrucar esses Filozofantes ao faccinoroso dotado d'alguma Logica, que se quizer pôr ás razões com S. Ss., servindo-se dos seus principios? Supponhamos-lhes em argumentos, e que o faccinoroso assim falle a hum Filozofante. - Que quereis comigo? Se sois Filozofa, eu tambem o sou; e por tanto não nos devemos servir de palavras vazias de sentido. O que sois vós, e eu? Machinas organizadas sem se saber como, nem por quem; machinas, que hoje se movem, e amanhã cessarão de mover-se, partes em fim de hum grande todo, que não conhecemos assim como nos não conhecemos a nós mesmos. Tal he a vossa Filozofia, e tambem a minha. D'aqui se segue; que como machina organizada, eu nada devo a pessoa alguma, assim como ninguem tem deveres para comigo; por que como he, que machinas hão de ter deveres reciprocos? Logo tudo quanto devo he somente a mim; por quanto embora não saiba, como existo, todavia estou certo, que existo para mim, para a minha felicidade antes de tudo e consequentemente o unico bem, que reconheço, he o meu, sem me importar á custa de quem

o obtenho, excepto se dahi me provier mal; porem eu sou superior a os temores; por que sou mais poderoso, e mais forte; posso matar, e roubar a este homem, assim como elle poderia fazer-me o mesmo, se estivesse em meu lugar, e nas minhas circumstancias; mas não temo, que d'elle me venha mal algum; por que elle he hum miseravel - carreada, - e eu sou Pai da Patria, e pertenci ao Batalhão ligeiro.,,

„O que he, que me dizeis mais para me desviar deste, e d'outros propozitos? Que talvez algum dia eu venha á ficar debaixo, e me levem ao patibulo? A isto responde-vos, que he hum futuro contingente, e incerto e os lucros, que agora tenho são actuaes; certos, e como me aconselhareis, que vacille sobre a escolha? Não há cousa menos razoavel: aquelle bem esta-me presente; o mal futuro ou virá, ou não. Que mais direis? Que no caso d'escapar ao suplicio, sempre serei desprezado, e detestado? Mas que me importa esse tancor, esse o dio, esse desprezo, se elles são impotentes? E por que razão hei de ser eu desprezado? Por que os maus (dizeis vós) são desprezíveis. E quem he esse mau? -- Aquelle que faz o mal - E quem he o homem bom? Aquelle que faz o bem - Mas eu já vos não provei, que fazia o meu bem? Há por ventura outro bem para mim, que não seja o meu? Tambem já vos não affirmei, que nenhum mal tinha a temer? E há para mim outro mal fora d'aquelle que outrem me pode fazer? Se pois segundo os vossos mesmos principios (e tambem os meus) não há outro mal, nem outro bem; o que vem a ser essas palavras - vicio, e virtude, - de que tanto vós, como eu, nos servimos? Não são em realidade, se não convenções sociaes, como outras muitas; e o que vem a ser para mim convenções sociaes, huma vez que eu faça o meu bem, que he para mim o unico bem, que há, e não me possam fazer mal? Que cousa he esse desprezo, com que me ameaças? He a opinião dos outros? E por que ha de esta opinião ser melhor, que a minha? Se os tollos, os Religiosos me desprezam, os Filozofos, os homens d'espirito, as almas - desabusadas - me aprofundarão por haver eu conhecido o unico bem real, que he o meu.,,

„Além disto, meu Filozofa, onde já vistes ser desprezado o rico, ou poderoso? Quanto eu mais souber roubar, e encher-me, mais bem tractado serei de quantos me encontrarem. E que me importão os que eu não vejo, nem conheço? Falar-me-eis em - remorsos - ? Isso he hum sonho de Padres, e Frades fanaticos Helvecio, hum dos nossos Filozofantes, e corifeo do principio do prazer, ou do - interesse, - tem muito consequentemente ensinado, que - não há outro remorso, se não



o temor: — e como eu não conheço o temor, excusado he fallar-me em — remorsos — quimera pueril, que só pôde embarçar a os tollis. Finalmente virtude e vicio são meras convenções humanas, são obra das leis positivas: pelo que não deverá admirar, que algum dia o adulterio, por ex., que he vicio neste paiz, não o seja n'aquelle, e até se torne hum virtude, &c. &c. A verdadeira Moral he o perfeito Egoismo: gozar he a Lei suprema, e cada hum cuida em enganar o outro, e destructar este mundo; por que acabado este, não temos outro, nem a quem demos contas do que fizemos na vida.,

Quizera ver completamente refutados os argumentos deste faccinoroso Dialectico por algum dos nossos Filozofantes. Quizera ouvir disputar com hum Logico destes os Senhores Helvecio, Barão, d'Holbac, Diderot, e o proprio J. Bentham: mas ah! os trez primeiros não poderão ver os — bons — effeitos das suas doutrinas bem claros, e manifestos na Revolução Franceza. Estou persuadido, que se elles presenciassem o como se prevaleceão do principio do interesse, do — *Salus Populi*, &c. os Marats, os Couthons, os Robespierres, &c. &c., horrorisar-se-ão, e recuarião adiante do seu mesmo principio,

Os que sustentão o principio do prazer, ou a doutrina do interesse, que vem a dar no mesmo, ou são Athens, e Materialistas, ou homens deslumbrados por seductores theorias, que com quanto abraçam o espiritalismo e a Religião, não tem metidade seriamente nas terriveis consequencias desse principio. No primeiro caso está o Senhor J. Bentham, que pensando para Materialismo como bem deixa ver em seus escriptos; por ser eminentemente Dialectico sustenta o principio do prazer, ou do interesse; por que em verdade hum Materialista, fallando em senso intimo, em consciencia, &c. he cusa irrisoria. No segundo está hum grande parte da nossa Mocidade Academica.

O prazer: e a dor não podem ser norma das acções humanas; por que taes sensações varião segundo os individuos, segundo as idades, e até segundo os climas. O que causa grande prazer a hum mancebo, até pode ser doloroso a hum velho: hum dicto pouco, urbano fará derramar lagrimas a hum donzella, bem educada no passo que só á força de acoutes far-se-á chorar a huma Africana. Não he assim o salutar principio do senso intimo, ou do dever. Elle he igual para todos, em todos os tempos, em todos os paizes, em todas as idades. Os usos, os costumes, as Instituições, os proprios cultos varião de paiz para paiz: mas as Nações divididas em interesses, em habitos, em sistemas, em crenças, todas convem em certos

principios geraes: entre todas he reputado criminoso o que faz a outro o que não quizer, que este lhe fizesse: em nenhuma he legitimo o espoliar ao seu vizinho, degolar o amigo: entre todas a violencia, o rapto, o envenenamento, a ingratidão, a calumnia chamão-se crimes; a boa fé, a generosidade, a piedade filial, o sacrificio, a gratidão recebem louvores, e homenagens de baixo do nome de virtudes. A cujo proposito dizia J. J. Rousseau (que nunca foi Materialista), Lançei os olhos por todas as Nações, corri todas as Historias: entre tantos cultos des-humanos, e extravagantes, entréssa prodigiosa diversidade de costumes, e caracteres, acharei por toda a parte as mesmas ideias de justiça, e honestidade, por toda aparte as mesmas noções do bem, e do mal. O velho Paganismo produziu Deoses abaminaveis, que deverão ser panidos neste mundo, como malfetores, e que só offereceão por quadro da felicidade suprema crimes, que cometer, e paixões, que contenter: mas de balde desceia da habitação eterna o vicio armado d'hum auctoridade sagrada; por que o instincto moral o repellia do coração dos humanos. Quem celebrava as sensualidades de Jupiter admirava a continencia de Xenocrates, a casta Lucrecia adorava a impudica Venus, o intrepido Romano sacrificava ao Medo; elle invocava o Deos, que mutilou a seu pai, e morria ás mãos deste sem proferir hum só queixa. As mais miseraveis Divindades forão servidas pelos maiores homens. A santa voz da Natureza mais forte, que a dos Deoses, fazia-se respeitar sobre a terra, e parecia desterrar para o Ceo o crime, e os criminosos.,

Hum principio normal he mesmo que hum principio regulador: e não he para rir, que o prazer, ou o interesse seja a norma, por onde devemos regular, por ex., as nossas paixões? Logo tudo consistirá na medida; e assim a cubica terá a sua medida, o adulterio terá a sua medida, a luxuria, a crapula, &c. &c.

Finalmente o que faz á questio, que nos occupa, o exemplo de factos criminosos praticados por homens, que seguirão o principio da consciencia? A que vem a historia da Inquisição, e das guerras por motivo de Religião? Estes homens, obrarão por erro d'entendimento, ou de proposito deliberado: no primeiro caso não tinham consciencia certa da sua acção, no segundo obrarão mal a pesar da propria consciencia, talvez levados do principio do interesse, por que os que sustentão a doutrina da consciencia não pretendem destruir a liberdade: mas se o homem ainda regido pelo senso intimo, cuja sancção reside no soberano poder do creador, muitas vezes deixa-se arrastar das paixões,

e faz a dormecer esse argos vigilante, e inexorável; o que fará aquelle que só tem por norma das suas acções o mui vago, e variavel principio do interesse?

O senso intimo não se explica pelo senso intimo, circulo vicioso, que figurou o Sr. Academico para combater as minhas ideias a este respeito: o senso intimo he huma Lei primordial da natureza moral, assim como a gravidade he huma Lei da natureza fisica: o senso intimo explica-se pelo consenso de todos os Povos, em todos os tempos, e circumstancias, o que aquivale á vontade do mesmo Deos: logo he huma entidade tão real, como he a existencia do genero humano. Não he assim o interesse, ou o prazer - que he huma abstracção, e tão variavel quanto são variaveis os temperamentos, as idades, os talentos, &c. &c., e acrescentando-lhe o epitheto de bem entendido ainda pior; por que o interesse será bem, ou mal entendido conforme a maneira de pensar de cada hum.

Quem segue o saudavel principio do senso intimo não pode conscienciosamente approvar o infame commercio d'escravaria; por que aquelle lhe brada d'entro d'alma, que todos os homens são iguaes em qualidade de homens, que todos somos irmãos, e filhos do mesmo Pai commum, que he Deos mas o seguidor do elastico, e multicolor principio do interesse bem pode metter-se em calculos de utilidade, e dizer por ex., o preto na Costa d'Africa tem huma sorte muito mais dura, muito mais infeliz, do que sendo captivo entre nós: logo captivalos he do seu, e nosso interesse, &c.: e quantos Escriptores não tem argumentado assim para legitimar esse trafico detestavel!

A isto dirá o Senhor Academico -- Estes homens errão o calculo d'Arithmetica Moral --: mas o mercador d'escraves, o fabricante de assucar respondem-lhe, que não; continuão a mercadejar em carne humana, e sede lá juiz com taes mordomos! O Senhor Academico, aferrado ao seu Bentham, reduz toda a Moral a calculos Arithmeticos d'interesse: e não encherça as infalliveis consequencias deste seu principio? Se toda a Moral deve ser hum calculo, segue-se irremissivelmente, que a mor parte

do genero humano, incapaz desses calculos, não deverá ser punida por suas más acções. O ladrão dirá errei o calculo, o assassino dirá: errei o calculo: o traidor, tirou o calculo: todos dirão -- Não alcançamos mais, os nossos talentos não chegam para o acerto dessas Arithmeticas: se há erro em nós he d'entendimento, erro invencivel para muitos de nós: e como pretendeis punir-nos? Onde existe esse tribunal indefectivel, ao qual se recorra em ultima instancia para se saber, se o tal calculo he, ou não exacto? Se tal tribunal não existe, segue-se, que esses calculos tem de ser feitos por cada individuo segundo a sua razão; pelo sabio, pelo ignorante, pelo moço, pelo velho, homem casto; e pelo sensual, pelo cidadão pacifico, e pelo ladrão, pelo assassino, &c. &c. Se taes são infallivelmente os Arithmeticos da Moral, pode-se asseverar, e até apostar, que os calculos hão de sair mui diversos, e alguns diametralmente oppostos; e nenhum he culpado; por que cada qual fez o seu calculo, como podia, e sabia. Que excellente Moral para toda a especie humana! Que Moral tão agradável a os espertalhões, e bons calculistas! Talvez seja esta a Moral dominante do nosso Brazil; por isso vai elle hum maravilha.

A final resumirei as minhas ideias, dizendo, que o senso intimo he huma Lei universal o interesse he a penas hum motivo para obrar: o senso intimo tem por sancção a vontade de Deos, manifestada no coração de todos os homens, o interesse não tem outra sancção mais, do que o juizo privado, o modo de pensar de cada hum: o senso intimo he hum facto humano, conhecido em todos os tempos, e lugares; o interesse não passa de huma ideia abstracta; por que em realidade não existe interesse geral, quantunodo, e invariavel para toda a especie humana: o principio do senso intimo vai de accordo com qual quer Religião; o principio do interesse segrega o homem da dependencia de Deos, e falo considerar a Religião, como mera instituição humana: o primeiro tem sido a doutrina de todos os Filozofos, espiritalistas, e Religiosarios, o segundo he a base de toda a Moral e Politica dos Ateos, e Materialistas.